

A literatura infantojuvenil na formação docente:

experiências em três tempos

ANDRÉA PESSÔA DOS SANTOS

Os estudos voltados à formação do docente vêm suscitando significativos debates sobre as diferentes perspectivas e dimensões dessa formação profissional multifacetada e plural. Nas últimas três décadas, pesquisas acadêmicas passam a compreender que os professores constroem, ao longo de suas práticas diárias, conhecimentos que lhes são próprios e oriundos de diferentes espaços discursivos de formação. Desde então, os saberes docentes, que atravessam o fazer pedagógico, são entendidos como fontes legítimas de conhecimentos e importantes sinalizadores de aspectos a serem considerados na constituição de programas, diretrizes e políticas governamentais voltadas à formação acadêmica docente.

Inúmeros estudos (NÓVOA, 1992; TARDIF, 2000; 2007) contribuem para a compreensão de concepções e aspectos acerca das experiências, das ações e dos conhecimentos mobilizados cotidianamente pelo próprio professor, no âmbito não só de sua formação acadêmica inicial, mas de seus saberes pessoais e outros provenientes do seu exercício profissional diário. Valorizando a articulação e organização dos múltiplos e complexos conhecimentos, sobretudo dos conhecimentos mobilizados pelos *saberes experienciais* ou *práticos* (TARDIF, 2007, p. 38), busca-se, na atualidade, “dar voz” ao professor a fim de autorizá-lo a compartilhar sua vivência em sala de aula, entendendo-a não mais como simples *experimento* pedagógico, mas como *experiência* (LARROSA, 2002, p. 21) carregada de sentido, capaz de constituir sua identidade pessoal e subsidiar seu efetivo exercício profissional.

Nesse sentido, busca-se, desde então, oferecer ao docente espaços discursivos de formação que lhes possibilitem expor seus saberes constituídos, assim como os sentidos que atribuem ao seu próprio fazer pedagógico. Sem ignorar a importância da apropriação dos conhecimentos científicos, entende-se que a formação docente precisa garantir também espaços e processos formativos dialógicos, multissituados e (com)partilhados (SAMPAIO, 2011), nos quais, narrando-se, o professor reflita sobre a sua trajetória (KRAMER, 1997) e compreenda, cada vez mais, a complexidade das questões que compõem a esfera educacional e o seu próprio fazer pedagógico.

Nesse sentido, e assumindo nosso lugar neste espaço dialógico de formação docente, pretendemos com este artigo narrar e compartilhar três experiências que contribuíram para a consolidação de nossa formação profissional e para a compreensão da necessidade de se recuperar, nos *campos discursivos* de formação docente (CHARLOT *apud* ANDRADE, 2007), a leitura de textos de literatura infantojuvenil, entendida como *gênero discursivo* capaz de atravessar a trajetória pessoal e profissional do professor e de promover significativo alargamento de sua experiência cultural, política, ética e estética.

NAS DOBRAS DO COTIDIANO: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM TRÊS TEMPOS

Realizadas em três épocas distintas e com um significativo espaço de tempo que as separam, as três *experiências* aqui apresentadas foram desenvolvidas no âmbito de diferentes processos de formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por considerá-las interligadas e basilares no âmbito de nossa própria formação docente, fizemos questão de apresentar, inicialmente, ainda que de modo breve, os objetivos, procedi-

mentos e reflexões das duas primeiras experiências, para, em seguida, apresentar, mais detalhadamente, a terceira delas.

Esta terceira experiência foi apresentada no painel do II Encontro Estadual de Alfabetização e Leitura Literária e VIII Seminário de Alfabetização e Leitura, promovido pelo PROALE (Programa de Alfabetização e Leitura da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense), no mês de maio de 2012. Intitulado “A literatura infantil no Curso Normal: uma experiência bem-sucedida” o painel apresentou as etapas e atividades desenvolvidas no âmbito da realização do Projeto “*Quem conta um conto aumenta um ponto*”, cujo desenvolvimento se deu no contexto das disciplinas “Processos de alfabetização e letramento”, “Prática pedagógica” e “Língua portuguesa”, ministradas no ano de 2010 para os estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci – IECN (SEE/RJ/SG).

Participaram desse trabalho sete professores da referida instituição, a saber: Andréa Pessoa dos Santos, professora de Alfabetização e Letramento da turma 3008; Neuza Bastos, Neidemar Espíndola e Sueli Domingues, professoras de Prática Pedagógica das turmas 3005, 3006 e 3007; Fábio Poly, Animador Cultural das quatro turmas do terceiro ano; Maria Aparecida Araújo, professora de Língua Portuguesa da turma 3008 e Heloísa Souza, professora de Língua Portuguesa das turmas 3005, 3006 e 3007. Vale destacar que esse trabalho ampliou nossa compreensão sobre a importância de se resgatarmos, nos espaços de formação de professores, ações sistemáticas voltadas à constituição do gosto literário entre os estudantes que se formam no Curso Normal.

Compreendendo que a leitura de textos literários é fundamental para a formação do ser humano (CÂNDIDO, 1972) e para o alargamento do universo cultural do professor, as referidas experiências objetivaram garantir a professores e alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental e estudantes do Curso Normal a leitura compartilhada de textos literários destinados ao público jovem e infantil.

Nesse sentido, a fim de também proporcionar uma maior compreensão das potencialidades do discurso literário enquanto linguagem polissêmica e emancipadora, os Projetos aqui apresentados visaram, em três épocas distintas, a promover um encontro significativo desses professores e estudantes com os textos literários, no intuito mesmo de fortalecer e/ou ampliar a vivência não só de professores formados, mas dos estudantes “futuros-professores”, mediadores de leituras literárias na escola básica.

POSSIBILIDADES DO FAZER DOCENTE: PROJETOS LITERÁRIOS AUTORAIS

A primeira grande experiência refere-se à nossa participação como professora/dinamizadora do Projeto de incentivo à leitura literária destinada ao público infantil e juvenil, realizado pelo *Núcleo de Programas de Leitura* da Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo (SEMED/SG), região metropolitana do Rio de Janeiro.

O referido trabalho nomeado *Projeto Barbante* (PB) ocorreu, de forma pioneira, nas 65 escolas da rede municipal de ensino, entre os anos de 1992 a 1996. Esse Projeto, de vinte anos atrás, criado e coordenado pela professora Solanilda Costa (1993), pretendeu, à época, “dar a todos os envolvidos no ato educativo o direito de falar, escrever e ler o mundo”.

Segundo Costa (1993), o PB agia “(...) contra o monopólio da fala, contra as ideias prontas e acabadas, contra a verdade absoluta. O PB é a favor da busca constante da palavra livre, crítica e criadora.” (*op. cit.*, p. 742). Nesse sentido, entendia-se que o Projeto buscava unir escola e comunidade, professor e aluno, através da literatura infantojuvenil, entendida em sua dimensão emancipadora.

A partir de uma equipe composta por seis professoras alfabetizadoras, buscávamos incentivar a leitura literária entre os estudantes e professores dos anos iniciais de escolaridade de toda a rede municipal de ensino. Assim, almejávamos, à época, uma prática educativa “mais democrática, dinâmica e aberta” para os alunos das classes populares que chegavam aos bancos das escolas públicas, cercados, muitas vezes, por práticas antidemocráticas.

Acreditávamos que professores e alunos necessitavam estar preparados uns para os outros e afirmávamos, já naquela época, que a literatura infantojuvenil brasileira, entendida como discurso artístico e emancipador, poderia ser uma opção acertada para a promoção desse encontro humanizador, (trans) formador e, possivelmente, mais democrático dentro dos muros da escola.

Na sequência de nossas ações, propúnhamos aos professores que, antes de realizarem o trabalho com os seus alunos, vivenciassem um intenso contato com os textos literários, a fim de que compreendessem o potencial simbólico de tal gênero para as mediações que fariam com os seus alunos. Assim, semanalmente, realizávamos, nas próprias unidades de ensino, encontros pautados por leituras e reflexões suscitadas pelos livros de literatura infantojuvenil doados pelo MEC.

A leitura de textos literários é fundamental para a formação do ser humano e para o alargamento do universo cultural do professor.

Vale ressaltar que o Projeto estruturava-se a partir de três fases: *Falar o mundo, Escrever o mundo e Ler o mundo*. Ao final de cada uma dessas fases, organizávamos um grande evento literário. Assim, além das ações desenvolvidas nas escolas, realizamos, ao longo de três anos consecutivos, três “minibienais”. Em cada uma delas reunimos mais de duas mil pessoas entre professores, estudantes, editores e autores consagrados da literatura infantojuvenil. Participaram desses eventos Marina Colasanti, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Laura Sandroni, Ronaldo Simões Coelho, Fanny Abramovich, Liliana Iacocca, entre outros grandes autores do cenário literário brasileiro.

Por fim, arriscaríamos dizer que essa importante experiência literária não deixou marcas apenas em nossa formação, mas impactou toda uma geração de educadores que realizou esse trabalho no âmbito de suas escolas. Nos limites deste texto, não caberia, por ora, detalharmos os meandros da realização dessa marcante experiência. No entanto, faz-se oportuno destacarmos, nos dizeres da própria coordenadora desse trabalho, o sentido que atribuímos ao *Projeto Barbante*:

Na nossa experiência, a implantação de um trabalho de leitura não é uma coisa simples. Trabalhar com gente é mexer com sentimentos e ressentimentos, conceitos e preconceitos, etc. [...] E não podia ser diferente: a construção de uma consciência crítica passa pela polissemia, pelas falas e falhas, pelo pisar nos calos, pelos gritos do silêncio, pelas poses e posturas, pelos rostos e máscaras, enfim, pela abertura da linguagem a todos os significados e significantes. (COSTA, 1993, p. 739).

A segunda experiência aqui destacada refere-se à pesquisa da qual participamos enquanto bolsista de iniciação científica do CNPq/UFF. Tal pesquisa foi realizada nos anos de 1994 e 1995, com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa-ação denominada “A mulher como produtora e transmissora de cultura” foi conduzida pela Prof^a Dr^a Glória Maria Fialho Pondé, docente dos programas de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ e do Instituto de Letras da UFF e coordenadora do Projeto Centros

de Leitura e Escrita do Programa de Alfabetização e Leitura – PROALE/UFF.

Realizada através da metodologia de *oficinas literárias*, a pesquisa buscou reunir professoras dos diferentes municípios que participavam do *Projeto Centros de Leitura e Escrita*, desenvolvido pelo próprio PROALE. A partir de leituras e reflexões pertinentes aos livros disponibilizados, em um acervo de 244 livros, sendo 209 de literatura infantojuvenil doado às prefeituras conveniadas, o *Projeto* visava a discutir em que medida a emergência do gênero feminino, na figura da mulher-professora, poderia oferecer outro olhar para a professora mediadora de leitura e cultura na escola básica das diferentes redes de ensino.

Entendíamos, já naquela época, que a literatura infantojuvenil brasileira, por sua formação histórica e pelo público a que se destinava, poderia oferecer, em certa medida, “[...] alternativas para a resistência ao controle do corpo e do imaginário, realizado pela ordem capitalista” (Pondé, 1993, p. 129). Assim, compreendíamos que tais oficinas possibilitariam o entendimento, junto com as professoras, do papel (trans)formador da literatura no cotidiano da escola pública.

Essa pesquisa contou com a participação de integrantes e pesquisadores do PROALE e teve como foco, especificamente, a análise do discurso de diferentes instituições sociais, principalmente da família e escola, sobre o cotidiano das mulheres professoras.

A pesquisa-ação também objetivava proporcionar a inserção dessas professoras em práticas de leituras literárias, a partir de diferentes experiências mediadas por textos de literatura infantojuvenil, mostrando-lhes, inclusive, alternativas metodológicas para o trabalho emancipador com a linguagem literária, entendida como linguagem de conflitos que permitiria a elaboração de um discurso autônomo e (trans)formador. (PONDÉ, 1994).

As conclusões do primeiro ano da pesquisa chegaram a sínteses provisórias que apontavam os inúmeros entraves ao trabalho dessas professoras mediadoras de leitura na escola básica. No ano seguinte, a pesquisa seguiu seu desdobramento com uma nova vertente de investigação e um novo Projeto: *Literatura e mídia: linguagem de conflito ou conformismo?*

“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.”

Nelly Novaes Coelho

Considerando que a televisão despontava como uma das grandes fontes de acesso à produção cultural entre as professoras pesquisadas, buscou-se compreender a influência da mídia sobre o comportamento dessas professoras, e o grau de interferência desse veículo na recepção de outras linguagens mais críticas como, por exemplo, a literatura infantojuvenil.

É importante registrar que, nos limites deste artigo, não caberia, por ora, detalhar as diversas conclusões dessa pesquisa-ação. Cabe-nos ressaltar, no entanto, que a rede municipal de educação de São Gonçalo, local onde atuávamos como professora alfabetizadora, aderiu à referida pesquisa-ação ao aceitar a doação de um acervo de livros de literatura infantojuvenil doado pelo PROALE.

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CURSO NORMAL: UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA

Timpulsionados pelo nosso próprio *saber de experiência*, forjado a partir do exercício profissional e acadêmico desenvolvido no âmbito da realização das *experiências* narradas anteriormente, apresentamos o terceiro Projeto, nomeado *Quem conta um conto aumenta um ponto*, realizado, em 2010, com os estudantes do Curso Normal em Nível Médio do Instituto de Educação Clélia Nanci – IECN/SEEDUC/RJ.

Ao acumularmos inúmeros questionamentos sobre a singularidade do trabalho com a linguagem literária na escola, hoje entendemos que as questões de fundo dessa terceira experiência surgiram de observações, práticas e estudos acadêmicos desenvolvidos ao longo de alguns anos *experenciados* como professora do Ensino Fundamental. Transitando por espaços de promoção da leitura, buscamos incentivar, desde muito cedo, o gosto pela leitura literária entre alunos e professores.

Ao elaborarmos o planejamento anual das disciplinas a serem ministradas, segundo as indicações da “Reorientação Curricular do Curso Normal”, documento oficial da Secretaria de Educação do Estado elaborado em 2006, constatávamos que o currículo oficial reservava um espaço insignificante à leitura literária, sobretudo à leitura da literatura

infantojuvenil. Entendíamos, assim, a necessidade de garantirmos, naquele planejamento pedagógico, um espaço privilegiado para a chamada *educação literária* dos “futuros professores-leitores” e atuais mediadores de leituras das turmas dos anos iniciais de escolarização do Ensino Fundamental, local onde costumavam fazer seus estágios da disciplina “Prática Pedagógica”.

Nesse sentido, ao longo do trabalho desenvolvido nas disciplinas “Língua Portuguesa”, “Processos de Alfabetização e Letramento” e “Prática Pedagógica”, realizamos um trabalho sistemático com a literatura infantojuvenil, gênero literário que muito provavelmente poderá ser um dos focos de trabalho desses *futuros-professores-leitores* com seus *futuros-alunos-leitores*.

Ao refletirmos sobre as possibilidades do trabalho com a literatura no espaço escolar, compreendíamos a complexidade e inevitável didatização que o texto literário sofreria (SOARES, 1999). Assim, cautelosos, definimos coletivamente os modos mais adequados de nossa ação.

Entre os muitos aspectos pertinentes ao nosso intento, pensávamos o que entendíamos por leitura e por literatura e, mais especificamente, o que entendíamos por literatura infantojuvenil. Nesse sentido, as leituras de Coelho (2000), Paulino (2000) e Paiva (2003) foram fundamentais para o entendimento de que a literatura infantojuvenil seria ali tomada enquanto texto que tivesse um interesse explícito em “[...] agenciar o imaginário dos leitores, que fosse detentor[a] de um jogo de significados que excita o imaginário a participar de possibilidades da composição de outros mundos” (PAULINO, 2000, p. 41).

Concordando com Paiva, também entendíamos que “a produção literária para criança não tem fronteiras. Ela desvela o maravilhoso, o ilimitado, o maleável, o criativo universo infantil, explora a poesia, suscita o imaginário” e que a linguagem “que constrói a literatura infantil apresenta-se como mediadora entre a criança e o mundo, propiciando um alargamento no seu domínio linguístico e preenchendo o espaço do fictício, da fantasia, da aquisição do saber” (2003, p. 117).



Por fim, com Coelho (2000, p.27), compreendíamos que “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (2000, p. 27).

Ao traçarmos a nossa proposta final, definimos alguns objetivos centrais, a saber: a) propor práticas de leitura de textos literários de autores brasileiros, destinados ao “leitor-criança” com o intuito de despertar e/ou reforçar o letramento literário do “jovem-professor-leitor”; b) propor situações de ampliação do senso estético desse “jovem-professor-leitor”, entendendo-o como mediador do processo de iniciação do “leitor-criança”; c) fornecer informações sobre o conjunto de livros de literatura destinado às crianças, a fim de dotá-los de melhores recursos para procederem à seleção da obra a ser indicada ao público infantil; d) apresentar estratégias de estímulo à leitura literária, propondo uma reflexão sobre essa poderosa fonte de formação de sensibilidades.

O referido Projeto foi executado ao longo de três grandes etapas. Na primeira etapa, desenvolvida entre os meses de maio e junho, os estudantes realizaram a pesquisa sobre a vida e obra de autores de literatura infantojuvenil brasileira, a saber: Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colasanti, Eva Furnari, José Paulo Paes, Maria Clara Machado, Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Sylvia Orthof e Ziraldo. Ainda nesse período realizamos seminários sobre os referidos autores.

Encerrando essa etapa, os alunos escolheram, após cuidadosa análise, as obras que seriam apresentadas nas *Rodas de leitura*. Os livros selecionados pela turma 3008, classe que estava sob nossa responsabilidade, foram: *Cavalgando o arco-íris*, de Pedro Bandeira; *É isso ali*, de José Paulo Paes; *Flicts*, de Ziraldo; *O Cavalinho Azul* e *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado; *Severino faz chover*, de Ana Maria Machado; *A primavera da lagarta*, de Ruth Rocha; *Travadinhas*, de Eva Furnari.



A segunda etapa, executada entre os meses de julho, agosto e setembro, foi dedicada à confecção e ampliação do livro escolhido por cada equipe na fase anterior. Nessa etapa realizamos com os estudantes apreciações de diferentes elementos das obras, tais como: os aspectos discursivos do texto, os recursos linguísticos utilizados na produção de efeitos estéticos, o diálogo entre texto verbal e texto visual, o tema e a estrutura das narrativas, a qualidade literária, entre outros.

Nesse período realizamos também, na própria quadra esportiva do colégio, o *I Salão de Leitura* do IECN. Na ocasião, organizamos as exposições dos livros ampliados – “Os livrões” – em pequenos estandes espalhados pelo ginásio do colégio. Os convidados a participar das *Rodas de Leitura* foram os próprios alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental do IECN. O evento literário foi um sucesso e contou com a participação de aproximadamente 120 estudantes do Curso Normal e mais 160 alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

A terceira e última etapa ocorreu entre os meses de setembro, outubro e novembro. Nesse período propusemos que os alunos escolhessem o texto teatral que seria montado e apresentado na última etapa do Projeto. Entre os muitos textos analisados, a turma 3008 escolheu *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, grande clássico da dramaturgia infantil brasileira.

Após a escolha do texto e sob a orientação do professor de teatro da escola, os estudantes realizaram leituras dramatizadas, oficinas teatrais, seleção do elenco de atores, ensaios no palco e adaptações

do texto teatral. Simultaneamente coordenávamos a composição de outras equipes de trabalho, a saber: direção, assistência de direção, produção executiva, figurino, cenário, divulgação, projeto gráfico, trilha sonora, iluminação e maquiagem. Finalmente, como previsto, realizamos a apresentação teatral no mês de novembro. Os alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental foram os convidados das sessões realizadas no próprio auditório do Instituto de Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das experiências aqui apresentadas, acumulamos muitos questionamentos sobre a singularidade do trabalho com a linguagem na escola, mais especificamente com a linguagem literária.

Atentos às práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito escolar, entendemos, cada vez mais, a importância da apropriação da linguagem literária por parte dos alunos e professores, uma vez que esse discurso propõe a compreensão de que os sentidos não se fixam nem no *eu/leitor* nem no *tu/autor*, fixando-se, por assim dizer, no espaço dialógico que se instaura num movimento contínuo de sentidos e vozes alheias que se entrecruzam na cena enunciativa (BAKHTIN, 2003).

Desse modo, a linguagem literária provoca efeitos de sentido que enriquecem a visão ética e estética do leitor, propondo-lhe a permanente compreensão da presença do outro na construção da sua visão de mundo.

Finalmente, ressaltamos que, no entrecruzamento das reflexões produzidas ao longo das três experi-

A linguagem literária provoca efeitos de sentido que enriquecem a visão ética e estética do leitor, propondo-lhe a permanente compreensão da presença do outro na construção da sua visão de mundo.

ências narradas, ainda buscamos compreender outros aspectos pertinentes às questões aqui tratadas, tais como: quais são os maiores desafios encontrados pelos professores em garantir a realização de leituras literárias na organização cotidiana da sala de aula? De que modo as experiências com as leituras literárias, compartilhadas e promovidas em processos de formação docente, são recontextualizadas na prática diária desse professor? Por fim, claro está, para nós, que as relações entre a formação docente e a leitura literária aguardam por compreensões sempre mais detalhadas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Ludmila T. *Professores-leitores e sua formação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, [1992], 2010.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, 1972.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Solanilda N. *A Espiral PPA, Ana Z. e o PB*. Resenhas Críticas. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.74, n.178, p.739-742, set./dez. 1993.

FRIGOTTO, Edith. Leitura literária e formação de professores. *Sede de Ler*, v. 2, p. 22-28, 2011.

KRAMER, Sônia. *Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação*. Texto apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1997.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LEAL, Leiva de F. V. Leitura e formação de professores. In: EVANGELISTA, Aracy A. Martins; BRANDÃO, Heliana M. Brisa e MACHADO, Maria Z. Versiani (orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 1999.

NÓVOA, A. (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca. Discursos da paixão: a leitura literária no processo de formação do professor das séries iniciais. In: PAIVA, Aparecida e outros (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale/ Autêntica, 2005.

PONDÉ, Glória M. F. *A literatura na escola: uma questão de gêneros*. Tese apresentada em concurso de professor Titular, Departamento de Teoria e Prática de ensino, área de Didática de Português-Literatura, Faculdade de Educação/UFF, 1993.

SAMPAIO, Carmen Sanches; SILVA, T. R.; HELAL, Igor. Estudar e pesquisar a prática pedagógica: experiência(s) de (auto)formação docente no exercício de narrar(se). In: SÜSSEKIND, Maria Luiza; GARCIA, Alexandra (orgs.). *Diálogos e formação de professores: universidade-escola*. Petrópolis, RJ: DPetalli, 2011.

SOARES, Magda. A escolarização da Literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. Martins; BRANDÃO, Heliana M. Brisa e MACHADO, Maria Z. Versiani (orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 1999.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: *Educação & Sociedade*, v.21, n.73 Campinas, dezembro, 2000.

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANDRÉA PESSÔA DOS SANTOS · Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-graduada em Leitura e Produção de Texto e Literatura Infantojuvenil, pela Faculdade de Letras (UFF). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ-FEBF. Integrante do grupo de pesquisa “*Linguagem, Cultura e Práticas educativas*” (CNPq/UFF) – a.pessoas@ig.com.br.